Embornal



Anpuh ceará

Dossiê História da Saúde e das Doenças
Claudia Freitas de Oliveira (org.)
Vol. 10. Nº 19. Jan-jun. 2019

EMBORNAL
Revista Eletrônica da Associação Nacional de História – Secção Ceará
Fortaleza, Vol. X, Nº 19 – Janeiro a Junho de 2019

Editoria
Gleudson Passos Cardoso (UECE)
Altemar da Costa Muniz (FECLESC/UECE)
Mário Martins Viana Júnior (UFC)

Conselho Editorial
Agenor Soares Silva Júnior (UVA)
Antônio Clarindo Barbosa, UFCG)
Benito Bisso Schimidt (UFRGS)
Durval Muniz (UFRN)
Francisco Carlos Jacinto Barbosa (UECE)
Francisco José Gomes Damasceno (UECE)
Gerson Ledezma (UNILA)
Gisele Venancio (UFF)
Isabel Cristina Martins Guillen (UFPE)
Itamar Freitas (UnB)
Jurandir Malerba (PUC-RS)
Simone Luci Pereira (UNIRIO)
Valdei Araújo (UFOP)

ANPUH-CE
Diretoria 2016-2018
Tito Barros Leal (UVA) – Presidente
Gleudson Passos Cardoso (UECE) - Vice-presidente
Mário Martins Viana Júnior (UFC) – Secretário Geral
Allyson Bruno Viana (UECE) – 1º Secretário
Francisco Adoniram Braga Ramos (Redes Públicas Municipal e Estadual) – 2º Secretário
Vanessa Nascimento de Souza (Redes Públicas Municipal e Estadual) – 1ª Tesoureira
Carlos Virgílio Cavalcante Freitas (Redes Públicas Municipal e Estadual) – 2º Tesoureiro

Edição
Altemar da Costa Muniz

Imagem da Capa
Obra- Morte e Vida_ Pintor- Gustav Klimt

FICHA CATALOGRÁFICA

Embornal, Revista Eletrônica da Associação Nacional de História – Secção Ceará. Vol. X, Nº 19 – Jan/Jun de 2018, Ceará.
ISSN: 2177-160X CDD

Endereço Postal
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – SECÇÃO CEARÁ
Avenida Dr. Silas Munguba, 1700, Bairro Itaperi.
CEP 60740-903, Mestrado Acadêmico de História da UECE.
Fortaleza-CE (85) 3101.9611
www.ce.anpuh.org
anpuhceara@gmail.com

01

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 3

Artigos

PARTE I **AS DOENÇAS E SUAS EXPRESSÕES**	
1. A Doença de Chagas no Ceará: Revelações dos Atingidos pela Doença, uma Expressão da Memória Social. **Gisafran Nazareno Mota Jucá**	7
2. Os relatórios administrativos do leprosário de Itanhenga no Espírito Santo: possibilidades de se conhecer o cotidiano de uma colônia agrícola para leprosos. **Sebastião Pimentel Franco e Simone Santos de Almeida Silva.**	22
PARTE II **PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO E DESINSTITUCIONALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL**	
3. A Institucionalização da Loucura no Estado da Parahyba do Norte: da hospitalização no século XIX à medicalização no início do século XX. **Helmara Giccelli Formiga Wanderley**	40
4. Estado, Caridade e Filantropia: a Santa Casa e o Asilo de Alienados na assistência médica em Teresina (1889-1909). **Márcia Castelo Branco Santana e Rafaela Martins Silva**	64
5. As Políticas de Saúde Mental Infanto Juvenil no Brasil: a Construção de uma Rede de Atenção Psicossocial Sensível às Especificidades da Infância e da Adolescência. **Vládia Jucá.**	86
6. A Loucura e os Processos de Desinstitucionalização: aspectos de debates teóricos e políticos na segunda metade do século XX. **Cláudia Freitas de Oliveira**	101
PARTE III **SAÚDE E IMPRENSA: PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS**	
7. A construção noticiosa da epidemia de cólera no Ceará pelos jornais partidários Pedro II e O Cearense (1855 – 1863). **Dhenis Silva Maciel e Mayara Carolinne Beserra de Araújo**	116
8. Corpos em Exposição: retirantes pobres na imprensa brasileira (1915). **Frederico de Castro Neves**	130

APRESENTAÇÃO

Desde que Jacques Le Goff anunciou que "as doenças têm história", as pesquisas nessa área passaram a se congregar em grupos e programas de intercâmbio. De fato, a chamada veio apenas tornar pública e respeitável no campo historiográfico uma corrente de abundantes pesquisas que existiam desde muito tempo. Linhas de continuidade foram percebidas em trabalhos de pesquisadores reconhecidos em outras áreas, e livros – como, por exemplo, Os Reis Taumaturgos, de Marc Bloch – puderam ser inseridos em uma base comum de configuração de uma nova área, com seus objetos próprios e suas abordagens características.

Uma área de estudos sobre o corpo, as doenças, as formas de curar, as instituições médicas, os cuidados com a saúde, as concepções sobre as epidemias, entre outros temas, passou a se consolidar, especialmente no Brasil, como "história da saúde e das doenças" – uma designação genérica, que nem sempre abarca as inúmeras possibilidades que esse mesmo campo permite. De diversas maneiras, a partir de variadas referências teóricas, com muitas definições de objetos e abordagens, esta área se expande cada vez mais com pesquisas embasadas em fontes consistentes e conceitos compartilhados, absorvendo estudantes e pesquisadores por todo o Brasil. Os grupos se estruturam em linhas de pesquisa, no interior de programas de pós-graduação, tanto de História como de outras disciplinas, institucionalizando e padronizando os procedimentos de pesquisa, reconhecidos mutuamente pelos pesquisadores nos diferentes estágios de amadurecimento acadêmico.

Pode ser entendida como uma área de fronteira entre o mundo biológico – regido pelas conexões bioquímicas – e o mundo da cultura – regido pelas relações sociais. Contudo, essa é uma conclusão que pode trazer problemas. A cultura organiza os problemas, configura o olhar, estabelece os parâmetros, direciona a atenção, identifica os objetos e constitui os critérios de verdade, estipulando os paradigmas que conformam o que é biológico e, portanto, o que é patológico e o que é saudável, o que é corpóreo e o que é etéreo, o que é patológico e o que é funcional. Não só os limites do corpo são culturais, mas também o entendimento sobre suas funções e suas disfunções. O "olho" que define os "mundos" é o olho da cultura. Desta forma, as doenças estão inseridas na cultura e podem ser objeto dos olhares cuidadosos dos historiadores, trazendo à tona não só os doentes ou os métodos de cura, mas igualmente as concepções sobre a doença, o corpo, as instituições médicas e as epidemias – os cuidados com os doentes, assim como as teorias sobre as doenças.

Culturas diferentes, conceitos diferentes, como aprendemos com a Antropologia. Isso significa que uma teoria da doença, baseada nos sintomas externos do corpo e nas conexões

entre seus diversos sistemas e circuitos materiais, é igualmente cultural, própria de uma sociedade que privilegia as redes materiais de produção, circulação e consumo. Os historiadores estão, desta forma, aptos a perceber a doença como uma produção em processo, conectada às relações sociais como um todo, em movimento, e não como um fato consumado ou uma realidade estampada pelo saber médico.

Conectados com essas questões e problemas, os artigos publicados nesse dossiê apresentam diversas possibilidades para a análise da doença e do corpo.

Uma primeira chave de leitura pode ser definida por doenças e suas expressões, que aparecem para o historiador em fontes variadas. No caso dos depoimentos orais, Gisafran N. M. Jucá examina as "revelações" possibilitadas pelos meandros da memória. Assim, é possível trazer à tona as diversas experiências ligadas à doença de Chagas, não só com relação aos cuidados com os pacientes, a partir das memórias de profissionais de saúde, mas igualmente com relação à sensibilidade dos próprios acometidos, em suas lembranças, suas formas de sociabilidade e, com especial interesse, suas formas de superar ou conviver com as sequelas da doença com o reforço espiritual da religião. Uma outra alternativa se abre com o exame de relatórios médicos e administrativos de uma instituição médica, como o leprosário de Itanhenga, no Espírito Santo. Sebastião Pimentel Franco e Simone Santos de Almeida Silva procuram, neste caso, debruçar-se sobre o cotidiano de uma colônia agrícola especialmente criada para acolher e tratar leprosos. Nestas fontes, é possível entrever as formas de sociabilidade e gerenciamento de conflitos em torno do trabalho agrícola, principal atividade a envolver e agregar os acometidos por uma doença que, por si só, já os excluir e estigmatiza.

Uma outra chave de leitura se abre com o exame dos processos de institucionalização e seu reverso, a desinstitucionalização, da saúde mental. De um lado, Helmara Giccelli Formiga Wanderley examina as tramas políticas que envolviam a convivência com a loucura no estado da Paraíba e que, após décadas de debates e tentativas de exclusão, tratamento e discriminação, culminou com a construção do Hospital-Colônia Juliano Moreira, nos anos 1920. Márcia Castelo Branco Santana e Rafaela Martins Silva, por outro lado, tratam do assistencialismo, da filantropia e do controle social sobre os pobres a partir de ofícios e relatórios da Santa Casa de Misericórdia e do Asilo de Alienados, em Teresina, instituições que têm suas atividades reformuladas e modernizadas nos anos iniciais do século XX. Vládia Jucá examina a formação de uma rede de atenção psicossocial voltada especificamente para a infância e para a adolescência, em momentos significativos ao longo do século XX e no início do século XXI, como parte de uma política mais ampla ligada à saúde mental no Brasil. De

outro lado, Cláudia Freitas de Oliveira apresenta uma discussão sobre os processos de crítica ao modelo hospitalar psiquiátrico, ao final do século XX, quando alguns episódios, no Ceará, trouxeram à tona aspectos da luta antimanicomial, no contexto da reforma das instituições psiquiátricas.

Uma terceira chave de leitura pode ser identificada à produção de significados desenvolvida pela imprensa a partir da circulação de informações que efetua, especialmente nos anos finais do século XIX e nos anos iniciais do século XX. Assim, Dhenis Maciel procura avaliar esses efeitos noticiosos sobre a epidemia de cólera no Ceará, examinando o debate entre os jornais partidários Pedro II e Cearense, entre 1855 e 1863. Por seu turno, Frederico de Castro Neves identifica nos jornais do Rio de Janeiro algumas matérias que apresentam os pobres retirantes da seca de 1915 como uma espécie de musealização da miséria.

São trabalhos realizados a partir não só de fontes diferentes, mas de abordagens diversificadas, constatando as diversas possibilidades do fazer historiográfico no campo de estudos denominado "História da Saúde e das Doenças" em vários locais do país.

Frederico de Castro Neves[1]

---

[1] Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Doutor em História Social (UFF, 1998). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Email: fredcneves@msn.com.